

la preparación didáctica de las *Prosas Profanas* para un "lector medio, estudiante o simplemente aficionado a la poesía" (p. 39). Para este fin, Salvador ha elaborado un "cuadro cronológico" de más de treinta páginas y ha añadido a los poemas una serie de notas muy útiles. Un "estudio preliminar", una bibliografía y un glosario que enfoca los términos especiales más usados por Darío complementan la parte introductoria del editor.

Desde una perspectiva académica habría que lamentar que los capítulos del estudio preliminar que tratan la biografía de Darío y su relación con la poesía hispánica son relativamente cortos y ofrecen escasa información para un lector especializado. Lo mismo hay que decir del cuadro cronológico y el glosario. Sin embargo, esto no puede llevar a una crítica negativa de la edición ya que el objetivo de Salvador es la introducción del lector medio a la obra dariana, es decir, hay que evaluarla más bien como obra didáctica que como obra académica.

Desde una perspectiva didáctica es notoria la brevedad de los apuntes biográficos al tratar la época argentina (en la cual Darío produce las *Prosas Profanas*), y la bibliografía resulta poco actualizada. Para ser una obra introductoria para estudiantes, un punto particularmente problemático es que la bibliografía acerca de "Historia y sociedad" no menciona ni un título de los años noventa, y que en la parte general acerca del modernismo aparecen como obras más recientes dos textos de 1990. Se mencionan los títulos recientes más conocidos acerca de la obra rubendarista, por ejemplo el excelente trabajo de José María Martínez sobre *Los espacios poéticos de Rubén Darío* (1995), pero desgraciadamente hay poca discusión de estas obras en el estudio preliminar de Salvador.

Sin embargo, como obra de iniciación para estudiantes y aficionados a la poesía de Darío, la edición de Salvador ofrece muchas ayudas muy útiles para la comprensión de

las *Prosas Profanas*. Hemos acentuado ya la utilidad del comentario de los poemas en las notas a pie de página, del cuadro cronológico y del glosario, y deberíamos mencionar también el excelente análisis ejemplar de las *Prosas Profanas* que Salvador ofrece al final de su estudio preliminar en el capítulo "El misterio de las rosas profanas". Ésta sí es una buena introducción a las *Prosas Profanas* que prepara el análisis de los poemas por parte del lector. Todos estos aspectos positivos exceden notablemente a los puntos débiles de la obra. Además hay que constatar que actualmente no hay otra edición que ofrezca mayor ayuda al lector medio. El estudio preliminar y la bibliografía de Salvador necesitan actualizarse pero, una vez admitida esta deficiencia, la edición constituye una base firme para el trabajo diario del lector medio con los poemas de Darío.

Guido Rings
Harvard University

Piers Armstrong: *Third World Literary Fortunes: Brazilian Culture and Its International Reception*. Cranbury, NJ: Associated University Presses, 1999. 262 pp.

Qual seria a posição da literatura brasileira no cenário internacional da cultura? Como ela se encaixa dentro das linhas evolutivas da literatura latino-americana? Qual é a constituição etnocultural do Brasil? Piers Armstrong, um australiano com larga experiência de vida e de investigações académicas em quatro continentes, penetra as veredas labirínticas de tais questões em um estudo comparativo multidisciplinar de vastas dimensões temáticas e variadas abordagens críticas. Buscando "respostas especulativas", *Third World Literary Fortunes* explora mas não se limita à recepção da literatura brasileira no Brasil, Europa, América Espanhola e Estados Unidos. Também estabelece quadros comparativos com a história cultural do Ocidente, sem deixar de situar

suas análises em vários panoramas contextuais da civilização brasileira. Ao averiguar o lócus das letras brasileiras, Armstrong discerne a imagem extra-literária do Brasil que se cria, intelectualmente, pelos cientistas sociais e, popularmente, pelo que denomina "folk wisdom", tanto na esfera doméstica quanto na internacional. Para este "folk wisdom" contribui a força representativa e mitológica da região amazônica e do carnaval brasileiro, que ao mesmo tempo sugere um certo tipo de "essência" de brasilidade e vende para o mundo uma idéia de Brasil exótico, sensual, jocoso, e racialmente democrático. O imaginário brasileiro é visto pelo prisma de dois pólos culturais. Com ironia Armstrong sugere que os ameríndios da Amazônia são tomados como os "*bons sauvages*" da antropologia popular, presumivelmente por causa do poderoso halo tropical emanando dos seus lares na vasta floresta, o maior ícone zoológico e botânico do mundo, ameaçado literal e figurativamente pelo fogo do consumismo industrial" (240).

Na sua costa leste mais urbanizada, o Brasil apresenta seu próprio imaginário étnico, uma parte do país, segundo Armstrong, agraciada pela força mágica da miscigenação afro-brasileira, sobre a qual se apóia o mito da democracia racial, como uma "panacéia para a frustração norte-americana frente a seus conflitos entre negros e brancos" (240). Conseqüentemente, o carnaval funciona como um símbolo vivo de uma variedade de temas santificados, principalmente a energia barroca da América Latina defendida por Alejo Carpentier enquanto antídoto para o racionalismo europeu, e a sublimação utópica de uma forma de relação sexual-simbólica entre os continentes e as civilizações (240-241).

O carnaval -- teorizado pelas elites brasileiras e pelos sociólogos e antropólogos do Brasil e do exterior como uma subversão das convenções da hierarquia etnopolítica e socioeconômica -- acaba por testemunhar a vitória de um conjunto de símbolos sobre outro, no tocante à constituição

etnocultural brasileira. *Third World Literary Fortunes* assim ressalta a preponderância, no século XX, dos substratos de identidade afro-brasileiros da região litorânea (definidos por Gilberto Freyre) sobre aqueles identificados com o caboclo do sertão (estudados por Euclides da Cunha). Vencem, portanto, as cores, o trejeito e os sons da cultura mulata sobre os perfis estéticos e psicológicos dos bravos brasileiros que resistem à seca e à caatinga, cujos substratos de identidade étnica estão mais próximos daqueles comumente associados à América Espanhola, basicamente uma mistura das culturas ameríndias e européias. Em direta oposição ao caboclo euclidiano, toma vulto o conceito do novo *Homo brasiliensis*, assumido como "epicurista, em vez de estóico, lírico e musical, em vez de trabalhador, um otimista, em vez de espectador de tragédias, e socialmente apaziguado, em vez de ressentido diante da disparidade humana" (220).

Além do charme tropical da floresta amazônica, são exatamente os elementos afro-brasileiros que prevalecem nas imagens do país circuladas no exterior. Curiosamente, argumenta Armstrong, a literatura brasileira pouco acrescenta a essas imagens, apesar da exceção que confirma a regra, Jorge Amado. Dados compilados sobre as obras literárias brasileiras consideradas capitais pelas instituições do Brasil, como a arte poética de Carlos Drummond de Andrade, ou a sofisticação estilística e filosófica de João Guimarães Rosa, indicam que estas são ostensivamente ignoradas ou rejeitadas no exterior. Diante da monumental obra de Rosa, Armstrong oferece-nos uma preciosa análise literária que inclui não apenas um pertinente rastreamento de edições em várias partes do mundo e de correspondências entre autor, tradutores e editores, mas também uma instigante análise de temas, estruturas e efeitos linguísticos.

De acordo com *Third World Literary Fortunes*, o objetivo preliminar de Rosa não é simplesmente fazer

com que as palavras de repente adquiriram estatura em uma verticalidade leviana, através de estranhamento (no sentido do formalismo russo). Há na prosa roseana um tremendo imperativo rítmico aplicado no conto "Cara-de-bronze". Estruturas sintáticas atraem outras estruturas semelhantes: "Os Gerais do trovão, os Gerais do vento"; "Mar a redor, fim a fora"; "A que fora lugar, lugares de mato-grosso, a mata escura, que é do valor do chão." Armstrong entende que, em Guimarães Rosa, "a forma expressa seu próprio ritmo em um fluxo sintagmático infinito -- muito menos um caso de fluxo de consciência do que a subida de uma maré de adequação estética e lingüística. [...] Não importa quantas vezes o leitor pára para melhor apreender os difíceis fragmentos, ou salta além dos detalhes periféricos e refrasados. Como esclarecem os diálogos entre Rosa e seus tradutores, deve permanecer uma leitura ideal do texto em que o contorno rítmico intencional é imanente". (59-60)

A metodologia aplicada em *Third World Literary Fortunes* pode ser definida como eclética, dentro do que se costuma denominar "estudos culturais comparativos". Seu caráter multidisciplinar é basicamente etnocultural, com ênfase recaindo sobre certas variantes das análises sociológicas, antropológicas e literárias. Incluem-se, pois, reflexões inusitadas e reações críticas a estudos fundamentais, como os de Euclides da Cunha, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e Roberto DaMatta.

Ademais, desenvolvem-se pesquisas qualitativas e quantitativas sobre as obras dos mestres do *Boom* latino-americano e de alguns dos principais autores brasileiros dos séculos XIX e XX, como Machado de Assis, Mário de Andrade e Clarice Lispector, além de Drummond, Rosa e Amado. São observados, neste sentido, tanto os dados relativos à produção, divulgação e consumo dentro do mercado livreiro, quanto aqueles relativos à recorrência e natureza das interpretações acadêmicas de

tais obras.

Armstrong também contrapõe suas análises aos novos rumos da cultura brasileira revelados pelas mutantes estéticas e modismos do carnaval do Rio de Janeiro e Salvador, e pelas múltiplas vertentes da música popular, como o samba, bossa-nova, tropicalismo e axé-music. *Third World Literary Fortunes* não deixa de empregar métodos de análise literária mais tradicionais, como aqueles voltados para as obras segundo a sua constituição simbolista, estrutural, e lingüística.

Não poderiam ser poucas as conclusões a que chega Armstrong ao contemplar tantas fontes de questionamento cultural. Destacam-se, entretanto, algumas de suas teses. Primeiro, a de que os grandes nomes canonizados da literatura brasileira contemporânea, a exceção de Jorge Amado, apresentam uma obra muito mais variada e dispersa tematicamente do que aquelas de autores hispano-americanos. Caracterizam-se, principalmente, pela não adoção de uma estética de realismo mágico e de uma temática recorrente entre os hispanos: a busca pela definição de uma essência ou identidade latino-americana em contraste com os correlativos europeus, e a afirmação de uma solidariedade dos povos da América Latina (114-116).

Elabora-se, também, a tese de que os autores brasileiros de grande destaque na imprensa e reconhecimento nos estudos literários no Brasil, como Carlos Drummond de Andrade e Guimarães Rosa, não atingem sucesso comercial no exterior por não retratar uma imagem exótica, "essencialmente" brasileira, através da qual os estrangeiros preferem "consumir" a cultura tropical do Brasil e da América Latina em geral (155-157).

Ademais, são definidas as origens da disparidade entre a recepção acadêmica da obra de Jorge Amado no Brasil e no exterior. Por um lado, o lugar reservado para a obra de Jorge Amado nas instituições de ensino brasileiras revela um tipo de "eurocentrismo" e outras formas de

preconceito (como o racismo) por parte de uma elite que rejeita tanto a temática popular do escritor baiano quanto a sua estética supostamente destituída de complexidade psicológica, filosófica ou narratológica (136-142). Por outro lado, o interesse pela obra do best-seller baiano no exterior resulta do fato de que ela apresenta material para pesquisa e reflexão a cientistas sociais e outros acadêmicos que escapam à esfera restrita da crítica literária (148-150).

Ao compor uma obra de tão amplo alcance e escorregadias veredas culturais, Piers Armstrong revela muito fôlego e muita bagagem intelectual. Na sua trajetória de fato assume os riscos inerentes a qualquer processo de larga generalização hermenêutica. Apesar de pequenos percalços, sua análise atinge, com indiscutível sucesso, os objetivos propostos. Entre as marcas positivas da obra, deve-se reconhecer sua distinta capacidade para sínteses comparativas de fenômenos complexos, obscuros e contraditórios. Entre os percalços de *Third World Literary Fortunes*, percebemos, incidentalmente, algum reducionismo de dados que compromete o discernimento de relações entre causa e efeito. Como exemplo, há uma referência ao Segundo Reinado como uma longa fase de paz, estabilidade cultural e prosperidade que facilitou a maturidade literária brasileira no século XIX (25). A relação entre paz e maturidade literária é no mínimo questionável, vide a experiência literária européia do Existencialismo, e a norte-americana, nas mãos de William Faulkner, Scott Fitzgerald, Ernest Hemingway (e tantos outros) durante e depois das duas guerras mundiais.

O leitor de *Third World Literary Fortunes* certamente encontrará outros pontos de discordância entre o que sabe da cultura brasileira, latino-americana e ocidental e o que defende o crítico australiano. Talvez seja este o valor maior desta obra ao mesmo tempo destemida e intrigante: oferecer subsídios, mesmo que polêmicos, para uma compreensão

maior dos enigmas que rondam a posição marginal da literatura brasileira, um patrimônio cultural da humanidade tão fascinante quanto desconhecido por esse mundo afora.

Dário Borim Jr.

U. of Massachusetts at Dartmouth

Julio Schvartzman, *Microcrítica: lecturas argentinas (cuestiones de detalle)*. Buenos Aires: Editorial Biblos, 1996.

Aunque publicado en 1996, la vigencia de los temas tratados en *Microcrítica* amerita una evaluación actual del libro de Julio Schvartzman. Como dice el propio autor en su introducción, *Microcrítica* "trata de la importancia asignada al detalle". Su libro propone no sólo un objeto de estudio (el detalle literario) y un método (la lectura cuidadosa/*close reading*) sino también un formato (el comentario-fragmento). De cierta forma, tal enfoque es una provocación bastante interesante en una época en que la crítica literaria (tradicionalmente definida por su atención a los textos escritos) deja paso a la crítica cultural que lee el mundo como si fuera texto. Por medio de lecturas muy hábiles, el libro de Schvartzman abre la óptica crítica al mostrarnos la utilidad de la lupa detallista.

Aunque incluye tres ensayos nuevos, el libro mayormente es una recopilación de varios artículos escritos y/o presentados entre 1985 y 1996 (unos académicos y otros periodísticos) que discuten la literatura argentina. Casi la mitad de los ensayos analiza obras del siglo XIX (de Sarmiento, de Ascasubi, de Mansilla y otros). Los demás estudian autores canónicos y no canónicos del siglo XX (Julio Cortázar, Victoria Ocampo, Antonio Di Benedetto, Darío Canton y Rodolfo E. Fogwill). Aunque no parece haber relación temática entre los ensayos sobre el siglo XX, los otros sobre el siglo XIX exploran cómo la retórica ensayística y los tru-